

**Documento de Registro de Entrevista para o site MHEPTCPS**

**Centro Paula Souza**

**MEMÓRIAS E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL**

**Percurso Histórico**

**Programa de História Oral na Educação**

**com**

**Daisy Santiago Ramello Ferreira**

**Centro de Memória da Etec Trajano Camargo**

**Limeira/SP**

**2019**

## **Ficha de cadastro**

Tipo de entrevista: Temática

Entrevistadora: Marlene Aparecida Guiselini Benedetti

Instituição: Etec Trajano Camargo, em Limeira/SP

Levantamento de dados preliminares à entrevista:

Em 2010, o Centro Paula Souza ofereceu um curso de História Oral, ministrado pela profa. dra. Suzana Lopes Salgado Ribeiro. Uma das atividades era a realização de uma entrevista. A escolhida foi Daisy Ramello, professora de História e Geografia da Escola Industrial Trajano Camargo, nos anos 1950 e 1960. A gravação foi feita em fita magnética e transcrita; depois se perdeu. Anos depois, a escrita de um texto sobre o curso industrial básico e o extraordinário de mecânica, de 1953 a 1957, a pesquisa sobre os primórdios do Trajano Camargo, requeriam, além de documentos escritos e de fotos, a contribuição dos atores sociais – alunos e professores, em depoimentos gravados. Assim, uma segunda entrevista com Daisy Ramello foi realizada em 2013.

Elaboração do roteiro da pesquisa: Marlene Aparecida Guiselini Benedetti

Local da entrevista: residência da entrevistada; Rua Santa Cruz, 1090, apto. 101, centro, Limeira/SP

Data: 15 de outubro de 2013

Técnico de gravação: Marlene Aparecida Guiselini Benedetti

Duração: 19 minutos e 34 segundos (vídeo 1 – 5:08 e vídeo 2 - 14:26)

Número de vídeos: 02 (dois)

Transcritora: Marlene Aparecida Guiselini Benedetti

Número de páginas: 14

### **Sinopse da entrevista**

Daisy Ramello contou sobre a escola industrial nos anos 1950/60, as condições do prédio dos fundos e da frente, os alunos e professores, a produção das oficinas, os carros alegóricos confeccionados para os desfiles da Festa da Laranja, o andor para transportar a padroeira da cidade, Nossa Senhora das Dores, os procedimentos pedagógicos, o material didático, o sistema de avaliação, o que aprendiam os meninos e as meninas. Teceu elogios ao trabalho dos professores e alunos, ao ambiente amistoso e agradável entre eles. Afirmou que quando o edifício da frente ficou pronto, a escola ficou grande e bonita.

### **Transcrição da entrevista**

Data da transcrição da entrevista: 15 de dezembro de 2013

Nome do transcritora: Marlene Aparecida Guiselini Benedetti

**DSRF:** Hoje, dia 15 de outubro de 2013, Dia do Professor, eu vou recordar meus tempos de professora na Escola Industrial Trajano Camargo de Limeira. Era esse o nome naquela época, na década de 50, 55, mais ou menos que eu fui pra lá, nomeada pelo governo de Adhemar de Barros. Fui trabalhar lá. Eu era normalista formada na Escola Normal de Limeira. Eu poderia registrar o meu diploma de normalista no Departamento do Ensino Profissional de São Paulo, onde poderia escolher duas matérias pra eu dar aula na escola industrial. E eu escolhi Geografia e História porque eram matérias que eu sempre me interessei muito e gostava muito de ler sobre história e fui lá dar aulas para alunos para, seria hoje da 5ª à 8ª série, se nós chamarmos de ginásio. Ali não era propriamente um ginásio, era uma complementação do ensino profissional que eles recebiam, por sinal excelente ensino profissional de mecânica, de marcenaria, fundição. Eles faziam peças maravilhosas e no fim do ano eram muito disputadas essas peças. A gente comprava numa exposição que havia no fim do ano. O prédio era só a parte de trás do atual. Era um prédio rústico, sem forro, divisões de madeira, o piso era todo de taco, eles eram soltos, mas apesar da rusticidade da escola, era muito eficiente. Os alunos saíam muito capacitados. Era um ambiente muito agradável entre professores e alunos. Realizávamos muitas festas. Por ocasião de festas de Limeira, Festa da Laranja, todos juntos construímos carros alegóricos que faziam sucesso na cidade. No dia da festa da padroeira da cidade, 15 de setembro, Nossa Senhora das Dores, a escola fazia um andor maravilhoso para

transportar a santa. E assim, depois de um período, como eu não era efetiva na escola, veio um professor efetivo, aí eu saí. Retornei só nos anos 60 quando aí já estava pronta a parte da frente da escola muito bonita, muito grande. E aí então já tinha a parte feminina, as meninas frequentavam a escola que continuava esse curso que seria o ginásio, que era complementação da parte profissional. As meninas aprendiam culinária, corte e costura, bordados. Foi um período maravilhoso da escola. Marlene: Daisy você se lembra, onde era as salas das meninas e, por exemplo, o horário de funcionamento, a hora de entrada e de saída e, no caso das meninas, se as classes inicialmente eram mistas, ou não.

**DSRF:** Não, não, as meninas tinham um horário e os meninos outro. As classes não eram mistas porque a parte profissional era completamente diferente.

**MAGB:** Mas então matemática, português não eram salas mistas?

**DSRF:** Não, as classes eram separadas.

**MAGB:** Aí os meninos tinham essas disciplinas e depois cada um ia fazer as suas oficinas, as meninas a parte prática, porque a teórica, daí você entrou na teórica.

**DSRF:** Geralmente a parte teórica era na parte da manhã e, à tarde, eles iam fazer a parte profissional. E assim eu fiquei aí até 64. [Dá para parar um pouco? Ei Marlene!

**MAGB:** Vamos ver. [pausa para atender ao telefone]. Continua e daí? E daí mais alguma coisa que você se lembra. O tempo passou e você fez outras coisas. Você ficou em dois momentos lá: o momento que você deu aula pros meninos se chamava ginásio industrial básico, o curso era de mecânica e as meninas depois.

**DSRF:** Tinha mecânica, tinha fundição, marcenaria.

**MAGB:** Isso. A marcenaria existia para a mecânica não era separado.

**DSRF:** Não. Era separado.

**MAGB:** Não, sim.

**DSRF:** Era separado. Mecânica, marcenaria, fundição.

**MAGB:** Ah! Sim, tudo bem. Lá no fundo, quais as salas que existiam lá no fundo? Quem você lembra que dava aula lá? Quais eram as salas, se imaginando lá nos fundos. Tinha banheiros. O que mais que tinha? Você se lembra de gente lá?

**DSRF:** Eram onde estavam as oficinas.

**MAGB:** As oficinas, e o que mais existia mais de salas?

**DSRF:** A primeira vez que eu fui lá, tanto a gente dava as aulas do ensino básico como eles tinham outras salas onde eles aprendiam a marcenaria, onde tinha fundição, onde tinha mecânica, serralheria.

**MAGB:** Serralheira. E aí quem você se lembra dos professores? Seu Mikami. Quem era o outro?

**DSRF:** Mikami, Edison.

**MAGB:** É do seu tempo o Odecio Lucke?

**DSRF:** É.

**MAGB:** Odecio Lucke. Quem mais tinha? Você falou, tinha o Plácido.

**DSRF:** O Plácido era orientador educacional, seu Creso, o diretor.

**MAGB:** E das mulheres? Que mulheres tinha, que trabalhou com você?

**DSRF:** Que trabalhou comigo? A Maria Duarte dava aula de Desenho, a Maria José Negro, de Português, dona Noêmia Simões dava aula de Ciências, Matemática era o ...

**MAGB:** Começou com a Cidinha. Você pegou o tempo da Cidinha? A Cidinha saiu logo. Ebear?

**DSRF:** Não me lembro.

**MAGB:** Mas era um professor?

**DSRF:** Era professor.

**MAGB:** Vinha de Piracicaba?

**DSRF:** Não. Eu não me lembro.

**MAGB:** Tudo bem. Então Português era só a Maria Negro?

**DSRF:** Maria Negro foi uma professora excepcional. Nossa! Muito boa.

**MAGB:** Por que era excepcional? Qual era o método de trabalho de vocês? A metodologia. Por exemplo, você, o que você tinha pra dar aula?

**DSRF:** Vou ser sincera, pra época, isso aí eu herdei do professor Manoel, porque quando fui pra lá substituir o professor Manoel ele tinha uma sala com cortinas pretas, com projetor de slides. Então, pra época, era até que um recurso eficiente pra dar aula.

**MAGB:** E antes disso, quando você começou ali novinha de tudo ali em 54.

**DSRF:** Já tinha.

**MAGB:** Manoel veio depois. A 1ª vez o que você tinha?

**DSRF:** A 1ª vez, não tinha nada. Tinha mapa.

**MAGB:** Tinha mapa?

**DSRF:** Só mapa, esses comuns. Eu como professora de Geografia eu nunca dei uma aula ... A primeira coisa que eu exigia dos alunos - pode não ter caderno mas tem que ter um atlas. Porque não me conformo ensinar Geografia sem estar vendo a localização daquilo que você está falando. E o recurso que tinha época era mapa que punha na...

**MAGB:** Não tinha livros?

**DSRF:** Tinha livro.

**MAGB:** Mas eles compravam os livros?

**DSRF:** Compravam.

**MAGB:** Compravam. Você não lembra que editora?

**DSRF:** Eles compravam os atlas, compravam tudo.

**MAGB:** E História também tinha livro?

**DSRF:** Tinha. A escola não fornecia nada, nada.

**MAGB:** E quando você deu aulas de História tinha livro também?

**DSRF:** Tinha livro.

**MAGB:** Então era livros, cadernos, atlas.

**DSRF:** Era isso.

**MAGB:** E daí, o método. E você ia fazendo o quê? Você ia falando, explicando, bota na lousa.

**DSRF:** É. Exigindo muito, muito.

**DSRF:** Muito exercício na classe.

**MAGB:** Levava tarefa pra casa?

**DSRF:** Não. Nunca fui de tarefa pra casa. Nunca. Acho que escola é escola, tem que aprender ali.

**DSRF:** De zero a cem.

**MAGB:** Zero a cem, né.

**DSRF:** Tinha provas mensais e tinha um, nós chamávamos naquela época de exame e junho e dezembro.

**MAGB:** É isso aí. Existia inclusive 2ª época.

**DSRF:** Existia 2ª época.

**MAGB:** Você se lembra em quantas matérias o aluno podia ficar?

**DSRF:** Isso eu não me lembro, acho que seriam três, no máximo. Além da prova escrita existia, no fim do ano, o chamado exame oral.

**MAGB:** Em dezembro, tinha exame escrito e oral. E quem fazia o oral?

**DSRF:** O próprio professor.

**MAGB:** Mas tinha banca?

**DSRF:** Não, não, só o professor.

**MAGB:** E por que faziam o oral?

**DSRF:** Fazia parte da época, você tinha que além escrever, falar, saber falar. Era uma exigência. E eu achava o ensino muito melhor naquela época que você escrevia muito. Não fazia xis. Não tinha xis. Você escrevia e, além disso, tinha o exame oral onde você falava. Você podia mandar dissertar sobre uma questão.

**MAGB:** Ô Daisy, e pra entrar ali existia, pode falar vestibulinho, vestibular, exame de admissão.

**DSRF:** Não.



**MAGB:** Existia pra entrar. No começo tinha prova de português e matemática. Então ia perguntar uma coisa: quem é que fazia essas provas? Era o Estado?

**DSRF:** Era o próprio professor.

**MAGB:** Sim, durante o ano. Mas a admissional, aquela que...

**DSRF:** Isso não sei. Disso não me lembro disso.

**MAGB:** E os alunos como era o tratamento com o professor?

**DSRF:** Muito respeitoso. Sempre tinha um ou outro que..., todo lugar tem, né, mas era muito mais respeitoso do que é hoje. Se havia brincadeiras, eram brincadeiras inocentes, brincadeiras de forma que ...

**MAGB:** Então esse foi um período. E das moças, das moças, você lembra de alguma coisa diferente, no tempo das moças? Você disse que a escola era muito limpa, era bonita, era grande.

**DSRF:** A escola era limpíssima.

**MAGB:** Quando chegou lá, em 60, tava todo o prédio pronto?

**DSRF:** Tava.

**MAGB:** É! E as meninas? O que se mudou na escola...

**DSRF:** A parte de trás continuava a mesma coisa que na década de 50 quando trabalhei lá. Continuava a mesma coisa. Porque eram mais oficinas então não precisava ter um acabamento tão... Agora a parte da frente tinha um acabamento muito bonito, muito grande e a escola era muito, muito limpa.

**MAGB:** E as formaturas faziam lá? Formaturas de alunos.

**DSRF:** Eu nunca participei de uma formatura. Nunca.

**MAGB:** Eu tenho, eu acompanhei assim a primeira dos meninos, a segunda dos meninos, então 56, 57. E você não acredita, as moças não têm fotografia, mas eram todas feitas no Nosso Clube. E, se você soubesse, naquele tempo, aquelas orquestras, Cassino de Sevilha. Sabia? A coisa ali era chique, viu!

**DSRF:** Era, né.

**MAGB:** Era chique.

**DSRF:** Tinha boas orquestras pra festas.

**MAGB:** Eles conseguiam, não sei se era o paraninfo que dava. E a D. Terezinha não aparecia lá nunca? A D. Terezinha? A relação daqui com a Machina S. Paulo.

**DSRF:** Eu nunca vi, nunca, nem que ela fosse lá pra uma visita. Eu nunca vi, pode ser que ela tenha ido porque afinal o período que eu trabalhei não é tão grande assim.

**MAGB:** É, mas Daisy, quando começou lá era assinatura de livro ponto, depois teve assinatura em relógio ponto?

**DSRF:** Depois quando voltei em 60 tinha o relógio.

**MAGB:** E aí esse relógio era... [risos]

**DSRF:** Era.

**MAGB:** Em cima. Não sei. A metodologia continua a mesma. E as moças, o que é que mudou na escola com as moças? Por exemplo, educação física, quem fazia educação física?

**DSRF:** Todos eles.

**MAGB:** O que eles faziam? Faziam campeonato, alguma coisa assim? Você lembra dos jogos?

**DSRF:** Eu não lembro de nada disso.

**MAGB:** Você vai atender e eu vou parar aqui.

[atendeu ao telefone - negócios e não interrompi a gravação]

**DSRF:** Desculpe.

**MAGB:** Não. Agora eu não desliguei porque, de repente, desligo e acontece alguma coisa. Melhor não, deixa aí. Então Daisy, finalizando, as moças mudaram muito a vida da escola? Como é que foi o ânimo das coisas?

**DSRF:** Ah! As moças sempre enfeitavam mais a escola, né. Começou ai, os namorinhos porque tinha os meninos, as meninas tinham mais assunto.

**MAGB:** Agora uma coisa que eu precisava precisar a data: quando foi construída e de que jeito foi construída a quadra da escola?

**DSRF:** Não sei.

**MAGB:** Você não lembra nada, do Júlio, nada?

**DSRF:** Nada, nada. Ah! Falando em Júlio, o Julinho Abbade era professor de educação física. Agora me lembrei dele.

**MAGB:** É o Júlio Abbade. Ele não foi o primeiro professor de educação física. Quando ele chegou ...

**DSRF:** Eu me lembrei dele agora.

**MAGB:** Só que as moças tinham uma professora. Naquele tempo não era professor que dava aula pras moças.

**DSRF:** Não.

**MAGB:** A 1ª deve ter sido a Bimbe.

**DSRF:** Não sei. [badaladas do relógio]

**MAGB:** Entendeu? Também é muito tempo, não Daisy?

**DSRF:** É. Muito tempo.

**MAGB:** E depois fica sem contato com essas coisas.

**DSRF:** Tive períodos então fica mais difícil.

**MAGB:** Depois também você parou. Eu tenho anotação que você saiu em 65, né.

**DSRF:** Em 65.

**MAGB:** Você não deu mais aula, né.

**DSRF:** Não, nunca mais.

**MAGB:** Se você tivesse continuado.

**DSRF:** Aí saberia.

**MAGB:** Saberia o que acontece, entendeu?

**MAGB:** Ó Daisy você foi muito paciente, não vai dar muitos minutos, a sua casa é muito iluminada, você é uma mulher procurada. Então eu agradeço muito. Eu vou fazer a transcrição, mas eu vou já deixar os papéis pra você assinar na confiança, se quiser, se não, depois eu volto, etc. e tal. Tá bom? Então obrigada Daisy.

**DSRF:** Obrigada você. Desculpe se eu não posso satisfazer. Mas como falei pra você, fiquei períodos lá, além disso, o tempo passou e a cabeça...

### **Descritores**

Normalista

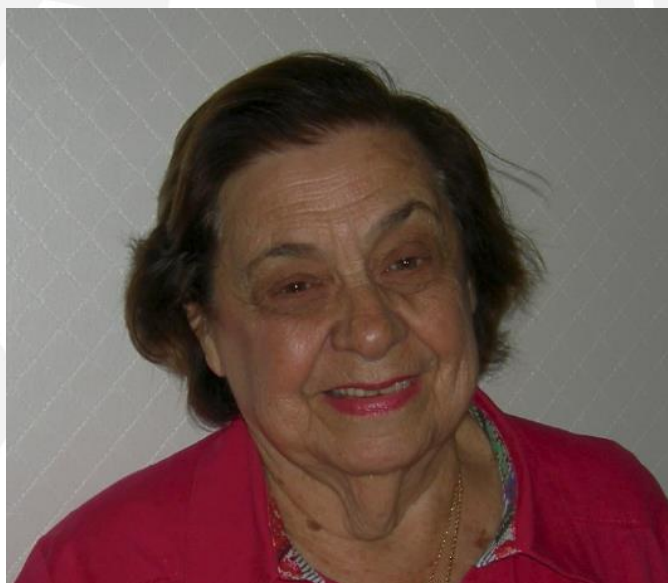
Nomeação política

Prédio rústico

Prédio

Ambiente agradável  
Procedimentos didáticos  
Livros  
Atlas  
Sistema de avaliação  
Matérias teóricas, complemento para o ensino profissional  
Daisy Santiago Ramello Ferreira  
Marlene A G Benedetti  
Centro de memória  
Escola Técnica Estadual Trajano Camargo  
História oral na educação  
Memórias do trabalho docente

#### **Dados Biográficos da Entrevistada**



Fotografia: Marlene Benedetti, em 15/10/2013

Daisy Santiago Ramello Ferreira nasceu em 15 de dezembro de 1931, em Limeira/SP. Fez educação: da 1a. a 4a. série no Grupo Escolar José Gabriel de Oliveira, em Sta. Bárbara D'Oeste. O ginásio, no Colégio Progresso (internato), em Campinas e Colégio S. José, em Limeira. O pré-normal (1o. e 2o. ano) e o normal (3o. ano), na Escola Normal de Limeira (escola pública). Trajetória profissional e instituições ou empresas onde trabalhou: Professora de História e Geografia na Escola Industrial Trajano Camargo, de Limeira. É empresária do ramo de loteamento.

## Dados Biográficos da Entrevistadora



Fotografia: Dugan Robbins, em 31/12/2017

Marlene Aparecida G Benedetti nasceu em 15 de abril de 1946, em Limeira/SP. Fez educação básica: o primário (1a. a 4a. série) no Grupo Escolar Cel. Flamínio Ferreira de Camargo e o ginásio (5a. a 8a. séries) no Instituto de Educação Castello Branco; magistério ou curso normal na mesma instituição. Curso superior: Ciências Sociais na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro (atual UNESP); História na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Guaxupé (MG); Estudos Sociais na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ouro Fino (MG). Trajetória profissional: Professora de 1o. e 2o. grau na rede estadual: início, em 1968, em Araras, no Ginásio Industrial Estadual Alberto Feres e, a partir de 1970, em Limeira, nas atuais escolas estaduais: Castello Branco, Prof. Nestor Martins Lino, Profa. Ruth Ramos Cappi, Prof. Lázaro Duarte do Páteo, Prof. Antonio Perches Lordello. Exerceu, durante um ano o cargo de diretora e, por dois anos, o de coordenadora de projeto de reestruturação do curso noturno, no Perches Lordello. Em 1995, começou a lecionar na Etec Trajano Camargo. Tem realizado pesquisas sobre a história da escola Trajano Camargo, desde 2008. Faz parte do GEPEMHEP- Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional.

### **Anexos:**

Termo de Cessão dos Direitos Autorais do entrevistado

Termo de Autorização para uso de Imagem do entrevistado